

O PADRE CAFFAREL, COMPANHEIRO PARA O NOSSO CAMINHO PARA DEUS «O AMOR É A MINHA ESSÊNCIA !»

5° DIA:

**Quando a morte prova o casal
«O amor é mais forte do que a morte»**

Companheiros de eternidade

O seu ensinamento [de Pio XII] é claro: para além da morte de um dos cônjuges, o vínculo carnal já não existe, nem o vínculo jurídico, nem o sacramento do matrimónio — que, como todos os sacramentos, pertence à Igreja da terra. Estas realidades desaparecem, tal como os andaimes desaparecem quando o edifício fica concluído. Mas o casal, esse permanece. Se, no entanto, permanecer o amor conjugal, alma do casal, que entre *«dois seres espirituais e livres»* transcende o impulso e a união dos corpos, com a condição, é claro, de que esse amor seja um dom recíproco, sempre actual porque não existe dom congelado como não existe chama congelada, os cônjuges podem até experimentar uma *«presença»* recíproca, *«mais íntima, mais profunda, mais forte»*, já no estado de viuvez.

No dia do reencontro eterno, amar-se-ão com uma perfeição de amor insuspeitável na terra, porque se conhecerão um ao outro completamente transparentes àquele Deus que cada um vê face a face. Então, o casal, tendo alcançado a sua perfeita realização, realizará plenamente a sua vocação: será finalmente um perfeito louvor ao Deus Criador que fez a união do homem e da mulher à sua imagem, e a Cristo Salvador que não só a restaurou após o pecado original, mas a tornou ainda mais admirável, imagem e sacramento da sua união com a Igreja.

O Vaticano II não tratou explicitamente a questão que nos ocupa aqui; deu, contudo, uma resposta indirecta ao decidir que a partir de então a Igreja celebraria numa única solenidade, a 26 de Julho, Santa Ana e São Joaquim, «os pais da Mãe de Deus», que até aí eram celebrados em duas datas distintas. Esta iniciativa alegrou os casais cristãos. Este é o modelo dos «companheiros de eternidade».

Contemplar o destino eterno do amor conjugal não pode deixar de manter nos esposos uma esperança invencível que os sustenta dia após dia no meio das alegrias e das tristezas da sua existência terrena.

Acreditar na perenidade do casal, constituído por dois esposos irrevogavelmente fiéis um ao outro, não é, portanto, um devaneio sentimental, mas uma convicção de fé solidamente baseada na revelação divina e no ensino tradicional da Igreja.

Padre Henri Caffarel

8 de Dezembro 1987, no aniversário da promulgação da Carta
Lettre des Equipes Notre-Dame, n° 74, Novembro-Dezembro 1987